**A LUTA POR UM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA ANTIRRACISTA À LUZ DOS DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

**Leila Kely dos Santos da Paz1**

UFAL

[leilakely@outlook.com](mailto:leilakely@outlook.com)

**Ivanderson Pereira da Silva2**

UFAL

[Ivanderson.silva@arapiraca.ufal.br](mailto:Ivanderson.silva@arapiraca.ufal.br)

**1 INTRODUÇÃO**

Os diálogos que se seguem foram obtidos a partir da pesquisa de doutoramento que buscou nos diários publicados de Carolina Maria de Jesus pensar práticas didáticas que possibilitem um ensino de ciências antirracista (Pinheiro, 2023). A escolha dos diários de Carolina Maria de Jesus não aconteceu de maneira aleatória, mas, sim, diante de diálogos construídos em espaços coletivos como a disciplina de Ensino e Diversidade Cultural ofertada no curso de doutorado da Rede Nordeste de Ensino polo Universidade Federal de Alagoas no semestre letivo de 2022.1. Esta disciplina trabalhou o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” com vistas à exploração de suas potencialidades para o ensino de Ciências da Natureza.

A obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” teve sua primeira publicação em 1960, ~~e~~ se tornou um *best seller* publicado em várias línguas e países. Com o sucesso da primeira publicação outras obras sugiram dentre elas: “Casa de Alvenaria volume I: Osasco”; “Casa de Alvenaria volume II: Santana”; “Diário de Bitita”. Para essa pesquisa buscou-se analisar os quatro (04) diários publicados, afim de identificar trechos a partir dos quais fosse possível produzir problematizações no campo das ciências naturais para formação de educandas/os antirracistas do curso de Licenciatura em Pedagogia.

A questão norteadora do estudo foi: quais as possíveis contribuições dos diários publicados de Carolina Maria de Jesus para a formação de educadoras/es antirracista a partir de temas mobilizadores no campo da Ciência da Natureza? Como objetivo geral do intuito foi investigar as possíveis contribuições dos diários publicados de Carolina Maria de Jesus para a formação de educadoras/es antirracista a partir de temas mobilizadores no campo da Ciência da Natureza.

Os objetivos específicos foram: i) identificar nos diários publicados de Carolina Maria de Jesus temas mobilizadores no campo das ciências naturais; ii) analisar os trechos retirados dos diários publicados de Carolina Maria de Jesus que poderão ser mobilizadores de problematizações no campo das ciências naturais; iii) compreender com os trechos retirados dos diários publicados de Carolina Maria de Jesus poderão ajudar na formação de educadoras/es antirracista para o ensino de Ciências da Natureza.

Neste sentido, as discussões subsequentes permitem produzir diálogos entorno de pensar um ensino de ciências que busque descolonizar um currículo eurocêntrico que valoriza os saberes e ciências produzidas exclusivamente pelo Ocidente. O que nos motiva é a (des)centralização do ensino para que as demais ciências e tecnologias desenvolvidas pelos povos africanos, afro-brasileiros, indígenas e em diásporas sejam incorporados no currículo e valorizados nas práticas didáticas.

**2. Os diários publicados de Carolina e o Ensino de Ciências da Natureza**

Na obra literária “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, nos deparamos com uma Carolina que vivia no “quarto de despejo” como um objeto velho e sem utilidade, não só ela também todas as pessoas que moravam na favela. A luta de Carolina estava em superar a fome e as adversidades constantes de quem residia em um local abandonado pelo poder público tendo que sofrer com a falta de saneamento básico, infestação de insetos, falta de água, esquistossomose, tuberculose, mortalidade infantil, por exemplo.

No livro a escritora narra situações que vivenciou durante o tempo que residia na favela junto com os seus pares e as mazelas que os rodeavam devido uma política de morte contra as pessoas que estão à margem da sociedade (Mbembe, 2018). As dificuldades das pessoas que residiam na favela eram inúmeras e constantes como podemos perceber nos trechos seguintes:

06 de maio – [...] o que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrê-la (Jesus, 2020, p. 34).

11 de maio – [...] surgiu a noite. As estrelas estão ocultas. O barraco está cheio de pernilongos. Eu vou acender uma folha de jornal e passar pelas paredes. É assim que os favelados matam mosquistos (Jesus, 2020, p. 37).

17 de maio – [...] chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciaveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados (Jesus, 2020, p. 38).[[1]](#footnote-1)

Nesta concepção Silva, Bastos Filho e Paz (2024) apresentam estudos sobre como é possível utilizar-se dos trechos da obra literária “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, para construção de práticas didáticas decoloniais no campo das ciências naturais, destacando que:

Para evidenciar esse potencial didático, apresentamos alguns temas de Ciências da Natureza, contidos e abordados na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus (Jesus, 2014), que podem contribuir para o desenvolvimento de projetos decoloniais de Ensino de Ciências da Natureza: poluição fluvial do Rio Tietê; a fome, a origem do fenótipo negro; raça enquanto conceito biológico; condições sanitárias; sexualidade na infância, na adolescência e na fase adulta; doenças mais concentradas nas populações pobres; isolamento acústico; pressão e objetos perfurocortantes; gravidez na infância e na adolescência; química dos cosméticos; princípios físicos do funcionamento do Rádio; efeitos do consumo abusivo de álcool no corpo; dependência química; fortificação de construções e alvenaria; envenenamento; salivação; a importância da higiene; o acesso à saúde no Brasil; coleta seletiva; medicina alternativa, automedicação; coloração e descoloração de roupas; consequências da (não)higienização dos alimentos; felicidade e as sinapses cerebrais; consumo de produtos enlatados, prazo de validade, latas amassadas ou estufadas; inversão térmica; reações físicas do corpo humano ao frio; Esquistossomose; Tuberculose;[...] (Silva; Bastos Filho e Paz, 2024, p. 14-15)

Os descritos acima colocam em evidencia como os trechos retirados dos diários publicados de Carolina poderão ser utilizados nas aulas de ciências e, incluir no currículo a leitura de obras literárias produzidas por uma mulher negra e pobre que durante sua existência sofreu os percalços de uma sociedade racista, machista e capitalista. Sousa et al. (2022, p. 3) orientam que “tecer conceitos sobre Educação Antirracista não é uma tarefa fácil, mas podemos defini-la como um modelo de educação em que se tem um compromisso real de estabelecer ações políticas de mobilização e conscientização de práticas antirracistas no contexto escolar”.

A obra literária “Casa de Alvenaria volume 1: Osasco” (2021a) é escrito em um momento de transição da saída da escritora e de sua família da favela para residir de favor nos fundos de uma casa em Osasco. O livro não teve o mesmo resultado do primeiro, pois neste ela retrata a vida e rotina daquelas/es que residem nas “salas de visitas” e não, mas os favelados e suas histórias de miséria. Carolina narra algumas situações que nos chamam atenção quanto as situações impostas a determinadas pessoas, como essas:

6 de setembro – Eu, que comia nas latas do lixo, hoje...almoço nos restaurantes de luxo (Jesus, 2021a, p. 43)

5 de novembro – Estou cansada. Fiz arroz e carne de porco. A carne de porco está mais barata. A tarde fui comprar limôes para levar ao Rio de Janeiro. A nôite fiz um vestido para leva-lo ao Rio. Os meus filhos estão resfriados dei-lhes chá de canela com Melhoral [...] (Jesus, 2021a, p. 111)

Pensar as obras de Carolina como potencializadoras para abordagem no ensino de Ciências da Natureza é permitir que as/os educandas/os possam questionar sobre situações diversas que envolvem sua realidade, por exemplo, no trecho acima de 5 de novembro quando a escritora relata sobre ter tratado o resfriado dos filhos com chá de canela e o medicamento “melhoral”, poderemos problematizar sobre as propriedades medicinais que envolve a canela e sua fusão com a água quente para auxiliar no tratamento dos sintomas da gripe. No trecho de 06 de setembro, Carolina descreve que durante sua vida e a de seus filhos a principal fonte de alimento vinha do lixo, o que possibilita refletir sobre questões como insegurança alimentar; bactérias e fungos acumulados em alimentos perecíveis e vencidos e doenças transmissíveis pela urina e fezes de animais, por exemplo.

Na obra literária “Casa de Alvenaria volume 2: Santana” (2021b) a autora descreve algumas situações que vivencia agora na sua casa de alvenaria, ela sai de um lugar de extrema pobreza e abandono – que era a favela – e passa a viver em sua casa própria, porém as dificuldades acompanham sua família, como podemos perceber nos excertos a seguir:

24 de dezembro – Que inferno! Minhas pernas ficaram pretas de pulgas. Resolvi desinfetar o quarto com lisofarm[[2]](#footnote-2) bruto. O Gil disse-me que aquela agua parada ia dar febre nos filhos. Que os meus filhos não iam extranhar aquela agua, porque fôram de favela...Não apreciei a ironia! (Jesus, 2021b, p. 32)

25 de janeiro – O esposo de Dona Angelina preta foi comprimentar-me. Ele é um homem agradavél e bom. Está habatido. Todos favelados estão magros. É deficiência alimentar, falta d agua [...] (Jesus, 2021b, p. 100)

Os trechos acima trazem narrativas complexas de uma realidade vivida por inúmeras pessoas diante de uma sociedade capitalista que se nutre de uma política de extermínio quando assim desejável do povo negro e periférico como também daquelas/es que sofrem com o processo de marginalização e invisibilidade de seus corpos. Já dizia Ângela Davis (2022, p. 66) “na atual era do capitalismo global, a resistência ao racismo só pode ser eficaz se estiver ancorada em comunidades globais de luta” e, buscando na união de todas/os que fazem a educação que lutamos por um ensino que respeite a história, identidade, cultura, religião, ciência e tecnologia de todas/os povos, para assim construirmos juntos em coletividade uma educação de fato antirracista.

**Considerações**

Um ensino antirracista que esteja articulado com o Ensino de Ciências da Natureza e, na formação de educadoras/es conscientes de seu papel dentro da sala de aula e da vida das/os educandas/os é o que buscamos, visto que, romper com metodologias centralizadas no continente europeu é urgente, para que, tenhamos de fato uma ruptura de estigmas de inferioridade condicionados a determinadas raças.

À luz de uma cultura que não normalize crianças negras a prenderem seus cabelos nas escolas e creche, que religião é do bem e do mau, da folclorização de determinados povos e/ou de estereótipos que indicam ser mais propensos a serem marginais e desqualificados na sua condição humana. A luta por uma educação antirracista deve ser todos e está luta deverá ser construída a partir de coletivos, como já nos orientava Ângela Davis (2016) que só a partir da união daquelas/es que sofrem com o processo de marginalização que as situações de opressão poderão ser superadas.

Sendo assim, compreendemos as obras literárias de uma mulher negra e pobre como Carolina Maria de Jesus um percursor para se pensar e refletir situações que abordem temas de ciências naturais a partir de uma visão realista daquelas/es que sofrem com os processos de negação de seus corpos. Falar de Carolina Maria de Jesus é um ato de luta coletiva de tantas outras Carolinas/os que são caladas/os por um sistema capitalista que visa o lucro e não vidas.

**Referências**

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, A. **O sentido da liberdade:** e outros diálogos difíceis. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

JESUS, C. M. **Casa de alvenaria, volume 1:** Osasco. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a.

JESUS, C. M. **Casa de alvenaria, volume 2:** Santana. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. 1 ed. São Paulo: Ática, 2020.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. 4ª ed., 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SILVA, I. P.; BASTOS FILHO, J. B.; PAZ, L. K. S. Epsitemicídio, ensino de ciências e a “obra quarto de despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus. **EccoS – Rev. Cient.** n, 69. p. 1-19, jan/mar. São Paulo, 2024.

SOUSA, F. R. S. et al. Formação docente na perspectiva da educação antirracista como prática social. **Práxis Educativa.** v. 17, e-19366, 2022.

1. É pertinente salientar que as questões ortográficas respeitam a escrita da autora, visto que, Carolina Maria de Jesus só frequentou dois (02) anos de escolaridade e, assim desenvolveu o gosto pela leitura e escrita, porém com os infortúnios da vida não conseguiu concluir os estudos, assim seu arcabouço teórico foi construído com livros que achava na rua e/ou da “bondade” de alguns patrões que permitiam que ela circulasse espaços como escritores e realizasse a leitura de livros. A Companhia das Letras lançou entre os anos de 2021 e 2022 edições de obras da escritora respeitando sua ortografia. [↑](#footnote-ref-1)
2. Lysoform é um desinfetante a base de aerossol utilizado para eliminar germes, bactérias e fungos. [↑](#footnote-ref-2)